

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, EM LINHARES (ES): MARCO DOS ÚLTIMOS MOMENTOS DO PERÍODO COLONIAL NO ESPÍRITO SANTO

Marcielle Santos do Rosário (marci_elle_@hotmail.com).

Aluna de graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Aracruz.

Fabiano Vieira Dias (fvieira@fsjb.edu.br)

Mestre pelo PPGAU-UFES

Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Aracruz

RESUMO

A Coroa portuguesa buscou no Catolicismo ainda na idade moderna, uma forma de conseguir colonizar o Brasil, e a Igreja enxergou nessa oportunidade uma forma de espalhar o catolicismo no novo mundo, já que a Europa estava dividida, após a Reforma Protestante. A Igreja Católica tornou-se em pouco tempo, a instituição mais poderosa do Brasil colonial, espalhando-se pelo território colonizado através de seus prédios religiosos implantados em cada vila brasileira, construídos, sempre na medida do possível, em um local de destaque da vila colonial. Em Linhares não foi diferente, mesmo sendo essa uma das últimas vilas a serem construídas do período colonial brasileiro. Desde sua construção, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, da antiga Povoação de Linhares, atualmente conhecida como “Igrejinha Velha”, esteve, de uma forma ou de outra, presente nas várias etapas de expansão dessa importante cidade da região norte do Estado do Espírito Santo. Nesse artigo, aborda-se o histórico desse prédio singular religioso capixaba e seu papel como partícipe da narrativa histórica da construção da cidade de Linhares desde as primeiras décadas do séc. XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Católica, Linhares, Brasil-colônia, Espírito Santo

1 – INTRODUÇÃO

Junto com a chegada dos portugueses ao Brasil, após o descobrimento de seu território, a Igreja Católica passou a estar presente em todos os aglomerados urbanos da Colônia, pois a Igreja teve papel primordial na expansão urbana com o aval da Coroa portuguesa.

A Igreja esteve presente na fundação de inúmeras vilas costeiras, primordialmente, assumindo ainda responsabilidades quanto ao registro dos cidadãos, cuidar dos hospitais, asilos, orfanatos e cemitérios. Com isso o edifício da igreja passou a ser o marco zero para início de um povoado.

Edificações religiosas da Igreja Católica ou de ordens enviadas por Roma se espalhavam pelos povoados que aspiravam serem vilas, sendo essas edificações, invariavelmente, pelo seu poder simbólico e/ou por sua localização estratégica dentro dos primeiros núcleos urbanos coloniais, pontos de partida para o desenho e crescimento urbano desses vilarejos, servindo de referência para o traçado das primeiras ruas.

A cidade de Linhares foi uma das últimas Vilas implantadas pela Coroa Portuguesa no Brasil, seguindo já um modelo ortogonal em seu desenho urbano, processo esse que se desenvolveu desde o séc. XVII, contrastando-se com a urbanística tradicional portuguesa da acomodação das novas vilas ao terreno natural. Em 1810 a primeira igreja do então Povoado de Linhares foi construída e, atualmente, depois de sua reconstrução e restauros seguintes, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, conhecida pela população como Igrejinha Velha, marca as origens coloniais de Linhares, bem como desse período na história brasileira.

Esse artigo, como parte da pesquisa em desenvolvimento do professor Fabiano Dias pelas Faculdades Integradas de Aracruz (Faacz), busca estudar arquiteturas singulares que possuem a característica de agregarem em si, grandes narrativas da arquitetura e do urbanismo como constituintes históricos das cidades estudadas, nesse caso em especial, da cidade de Linhares, localizada ao norte do Estado do Espírito Santo.

Além disso, a pesquisa sobre a antiga Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Linhares, desenvolvida nesse artigo, é o produto final da pesquisa da autora em epígrafe, para o programa de Iniciação Científica das Faculdades Integradas de Aracruz, com bolsa financiada pela FAPES - Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo.

2 – A EXPANSÃO DA FÉ CATÓLICA NO BRASIL COLÔNIA

A constituição da Igreja Católica surgiu em Roma ainda no Primeiro século, e depois de duzentos e cinquenta anos de perseguição, tornou-se religião oficial do Império Romano. Essa mesma religião chegou a Portugal, devido ao poderio romano por expansão de seu território e a evangelização da população conquistada. Séculos mais tarde, com a afirmação dos estados nacionais na Europa, tendo Portugal como um de seus maiores expoentes em poderio militar e tecnologia das navegações ultramarinas, a religião católica, conseqüentemente, seguiu com os navios que atracaram no Brasil, ainda no ano de seu descobrimento, em 1500, trazido pelos primeiros padres católicos e pelas primeiras ordens religiosas a mando de Roma e apoio logístico da Coroa Portuguesa.

Com o grande da Reforma Protestante na Europa sofreu do século XVI, Roma e a Coroa Portuguesa enxergaram no Brasil-colônia uma oportunidade de manter a expansão da fé católica. A preocupação de ensinar a religião católica nas colônias do Brasil, iniciou-se ainda no primeiro desembarque feito por Pedro Álvares Cabral, em 1500. De acordo com Lima (2001), Pero Vaz de Carminha enviou ao rei de Portugal uma carta do qual ele descreveu as duas missas realizadas na frota de Pedro Álvares Cabral, sendo que ambas foram celebradas pelo Frei Henrique Álvares, uma acontecendo em Ilhéu da Coroa Vermelha (local desaparecido), e outra já em terra firme.

Além de seu processo exploratório das terras e recursos naturais de suas colônias, era também desejo da metrópole dar continuidade à sociedade portuguesa (ROSADA, 2014), para tanto, levavam à colônia sua bagagem cultural, seus conhecimentos sobre navegações, adaptações à lugares novos e até mesmo técnicas construtivas simples e comutáveis.

A igreja foi muito importante nessa etapa de colonização, pois era ela que transmitia ao povo nativo que aqui viviam, toda cultura e costumes portugueses. Como afirma Rosada,

E a Igreja fazia parte desse projeto de colonização do território. Era a marca de ocupação da nova cultura sobre as demais, subjugadas, e o braço religioso e até administrativo do Estado. Igreja e Estado estavam juntos e se complementavam, eram como uma extensão parte um do outro. (ROSADA, 2014, p.3).

Conforme explica Vasconcellos (2015), a Coroa Portuguesa começou a enfrentar dificuldades quanto à colonização, pois não possuía muitos recursos financeiros e não havia em Portugal, muitas pessoas que desejassem morar na Colônia; logo, a Coroa fez uma aliança com a Igreja Católica, associando-se à Ordem da Companhia de Jesus recém-criada, que tinha em seus padres jesuítas o braço religioso em terras brasileiras, como meio de ordem e catequização de índios e filhos de colonos.

Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em 1549 (KEELER; GRIMBY, 2005), liderados por Manoel da Nóbrega, e em 1551 na Capitânia do Espírito Santo. Em sua estadia no Brasil de duzentos anos, foram a maior fonte educadora e missionária no país. Conforme pode ser observado no mapa abaixo (figura 01), os jesuítas alcançaram boa parte da costa brasileira durante os séculos XVI e XVII.

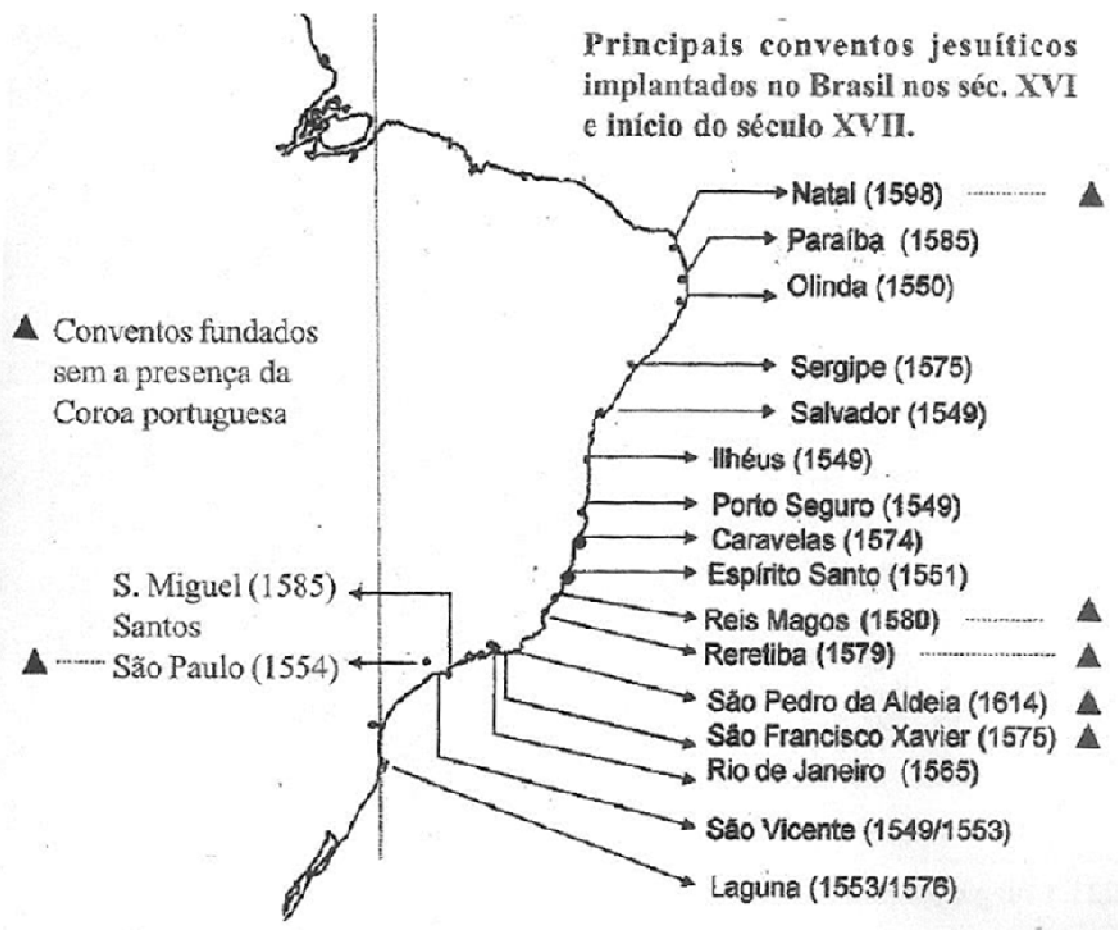


Figura 1: mapa sobre as ocupações jesuítas na costa brasileira. Fonte: Mendes, Francisco Roberval (1949, *Arquitetura no Interior do Brasil: De Cabral a D. João VI* apud Vasconcellos, 2015,p.04)

Dois séculos depois a Ordem dos Jesuítas se tornou um problema para Coroa de Portugal, pois enfrentavam a escravatura, tinham grandes influências sobre as tribos do sul do território brasileiro, interferindo em grandes interesses políticos e econômicos da época. Essas indiferenças fizeram com que o governo português expulsasse os jesuítas dos seus territórios colonizados no ano de 1759, a mando do Marques de Pombal (VASCONCELLOS, 2015).

Até o final do século XVI, todas as ordens religiosas que precediam os jesuítas já haviam se instalado no Brasil, entre esses, os beneditinos, carmelitas e os franciscanos, além das ordens terceiras (Instituições compostas por leigos que participavam da vida religiosa). Sua fixação nas vilas coloniais brasileiras foi através de seus edifícios religiosos, de ensino e catequese que marcaram e marcam até hoje (os ainda existentes) a paisagem urbana de cidades brasileiras advindas do período colonial brasileiro.

3 – A PRESENÇA DA IGREJA NA FUNDAÇÃO DAS CIDADES

Os primeiros momentos da colonização brasileira foram regidos por poucas normatizações urbanas, tradições construtivas e de ocupação do território colonizado, que remetiam tanto à Idade Média como a influência anterior do Império Romano sobre a cultura urbana portuguesa (VASCONCELOS, 2015). O traçado das novas vilas colônias brasileiras tinham por conta disso, um ponto em comum: o edifício da igreja ou das igrejas eram, invariavelmente, colocadas em um ponto de destaque, principalmente por estratégica de defesa, além do forte caráter simbólico do edifício em meio ao núcleo urbano que se desenvolvia.

Dessa forma, a igreja ou a capela eram segundo Rosada (2014), pontos de partida para o desenho do arruamento primitivo das primeiras colônias, ao passo que as edificações de seu entorno iam se

adequando ao traçado do sítio urbano e a sua topografia, buscando, na medida do possível, certa ortogonalidade e regularidade, pelo menos no alinhamento das edificações. A própria Igreja era explícita quanto à ocupação de suas edificações, a qualidade do lugar para a edificação da nova igreja e a relação com as edificações e seus fiéis:

Conforme o direyto Canônico, as Igrejas se devẽ fundar, & edificar em lugares decentes, & accomodados, pelo que mandamos, que havendo-se de edificar de novo alguma Igreja Parochial em nosso Arcebispado, se edifique em sitio alto, & lugar decente, livre de umidade, & desviado, quando for possível, de lugares immûdos, & sórdidos, & de casas particulares, & de outras parades, em distancia que possaõ andar as Procissões ao redor dellas, & que se faça em tal proporção, que não sómête seja capaz dos freguezes todos, mas ainda de mais gente de fora, quando cõcorrer às festas, & se edifique em lugar povoado, onde estiver o maior numero dos fregueses. IGREJA CATOLICA (1720, p.265, livro IV, tit. XVII,cân 687 apud Rosada, 2014, p.7).

Além de suas funções religiosas em território do Brasil-colônia, a Igreja ainda assumiu nesse período várias funções burocráticas semelhantes ao dos atuais cartórios (ROSADA, 2014), pois eram elas que realizavam todos os registros dos cidadãos da cidade (que eram também os fiéis), os registros de batismo, matrimônio e óbito. Junta-se a isso ela possuir outras funções que não eram apenas religiosas, como a de responsabilidade com os hospitais, asilos, orfanatos e cemitérios. Com essa conduta a igreja tornou-se o apoio que o Estado precisava no território brasileiro.

Ainda segundo Rosada (2014), o povoado só era reconhecido como tal, quando a capela local fosse elevada a freguesia (paróquia). Esse processo sucedeu-se até fim do período colonial, a capela era o ponto inicial para uma povoação, pois ela era o primeiro símbolo oficial de uma localidade. Para Vale (1994, p. 20 apud Rosada, 2014), em muitos lugares a igreja foi o primeiro edifício a ser construído, o qual serviu para atrair mais habitantes a se estabelecerem no local.

As últimas vilas a serem implantadas pela Coroa portuguesa nas colônias brasileiras foram formadas por um plano ortogonal moderno de Portugal, conhecido como seiscentista. As cidades seiscentistas estavam inseridas, segundo Teixeira (2012), no contexto da expansão ultramarina portuguesa, da qual generalizou a adoção de malhas urbanas regulares, de gênese ortogonal, como base dos novos traçados urbanísticos, e a estruturação de praças centrais, de forma quadrada ou retangular, inseridas na malha.

No modelo seiscentista o prédio da igreja também era construído em um ponto estratégico dentro do desenho ortogonal projetado da vila dentro de uma lógica também simbólica do poder da Igreja representado pelo seu prédio, bem como funcional: Seguia-se ao prédio da igreja a construção ou definição de um espaço ao seu redor fronteiro para implantação de uma praça, da qual uma pequena área era destinada, posteriormente, para a construção da Casa de Câmara e Cadeia das novas vilas coloniais construídas a partir do séc. XVII.

Centros do poder jurídico e policial da Coroa sobre o território, As Casas de câmara, por sua vez eram consideradas como arquitetura erudita, por que representavam o poder do Estado, projetadas por engenheiros militares, os quais possuíam conhecimentos tratadísticos de arquitetura, como afirma Campello (2014). Quando as Casas de Câmara e Cadeia começaram a serem construídas nas praças, a Coroa portuguesa passou a revelar o seu poder dominador, principalmente sobre a Igreja, que até então tinha quase as mesmas atribuições de poder que o Estado nos territórios coloniais.

4 – IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM LINHARES

A cidade de Linhares foi uma das últimas colônias portuguesas a serem implantadas no Brasil (REIS, 2000). Seu desenho ortogonal contrasta com a urbanística tradicional portuguesa dos primórdios do Brasil colonial, ao mesmo tempo em que é "típica do período pombalino e das décadas seguintes" (REIS, 2000), ou seja, fez parte do processo de planejamento de vilas criadas, a partir do séc. XVII, para a

interiorização da colonização portuguesa do Brasil. Em seu desenho ortogonal planejado (ver figura 02) em torno de uma grande praça retangular, desenvolve-se o casario encabeçado pela igreja matriz e mais tarde, no extremo oposto, é construída sua Casa de Câmara e Cadeia.

Segundo Calmon Junior (1975), as primeiras missas de Linhares foram celebradas em uma choupana de paredes feitas em estuques e cobertura em palha. O então governador da província do Espírito Santo, Francisco Alberto Rubim, fundou o primeiro edifício da igreja no pequeno vilarejo de Linhares em setembro de 1817, sendo que a vila havia sido elevada a Paróquia em 1810, como constata Saint' Hilaire em sua visita ao Espírito Santo no começo do séc. XIX:

Linhares foi erigida em pàrochia no mez de Agosto de 1810, mas, durante muito tempo esta aldeia ficou sem pastor e sem egreja. Os adultos viviam em vergonhosa concubinação, e as crianças nem era baptisadas. Numa de suas visitas diocesanas, o respeitável Bispo do Rio de Janeiro, José Caetano da Silva Coutinho, foi raté Linhares, espalhou alli consolação, fez um grande numero de casamentos, e ergueu uma cruz onde mais tarde se construiu a igreja (SAINT' HILAIRE, 1936, p.191).

Como explica Calmon Junior (1975), a construção da paróquia que Rubim mandou edificar levou muitos anos, devidos as interrupções que a obra sofreu. Segundo S.M (apud Calmon Junior, 1975), a igreja de 1810 tinha duas torres, conforme imagem original do povoado (figura 02).

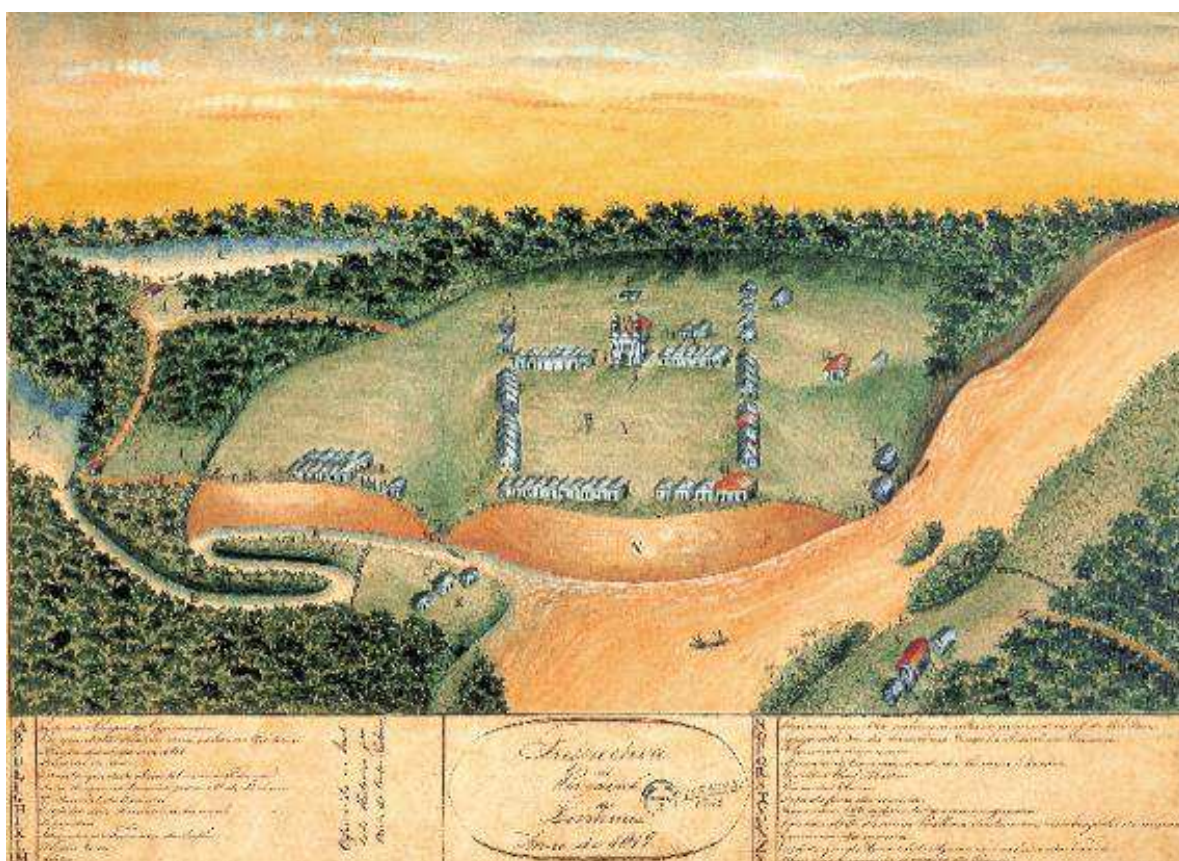


Figura 2 – Como descrito no original, "Prespectiva da Povoação de Linhares. Anno de 1819". Ao centro, a atual Praça 22 de Agosto e acima, a Igreja Matriz (hoje, Igreja Velha). Fonte: REIS FILHO, 2000.

Em 15 de setembro de 1817, o Governador Rubim lançou as primeiras fundações do prédio da igreja a ser consagrada à Nossa Senhora da Conceição, porém a mesma nunca chegou a ser finalizada. Pressupõe que a igreja desenhada na perspectiva da praça, por ordem do governador Rubim, no ano de 1819, era a igreja que ele mesmo mandou construir no ano de 1810.

A construção da igreja de Rubim estava sobre a chefia do Sr. Navarro, que veio da cidade de Vitória (capital da então Província do Espírito Santo), para comandar as obras. Porém o presidente do conselho

municipal, o Sr. Joaquim Francisco da Silva Calmon, alertou ao Sr. Navarro sobre a instabilidade da construção, e que a mesma poderia ruir. E isso acabou acontecendo, depois de um forte vendaval em 1825, quando a obra desabou, e o Sr. Navarro voltou para a Vila de Vitória.

A igreja levantada por Rubim só desabou por completo no ano de 1857 (ZUNTI, 1982), pelo fato dos cupins terem acabado com seus escombros, mais antes do total desabamento, o Padre Manoel Álvares de Souza, pedia com insistência juntamente com câmara no ano de 1830, que a igreja fosse reconstruída, entretanto o padre morreu em 1844 e nada ainda havia sido realizado.

Devido à morte do padre Manoel Álvares de Souza e a falta de uma igreja para celebração, as missas passaram a ser realizadas em uma sala da casa de um cidadão chamado José de Almeida Calmon. Foi apenas no ano de 1852 que o comendador Rafael tentou levantar uma igreja de pedra e cal, porém a construção não pode ser finalizada nessa época. Então a partir de 1857, a Câmara e Frei João de Santo Antonio Calmon (substituto do padre Manoel), voltaram a insistir pela construção da igreja, sendo assim, permitida a construção da nova capela do município (ZUNTI, 1982).

O novo edifício foi implantado exatamente no mesmo lugar que a primeira construída na Vila, mas, sem suas duas torres originais e os traços e composições formais dessa primeira. Depois de pronta a obra ainda esperou por aproximadamente um ano para a instalação do telhado, que aconteceu somente no ano de 1859 (ZUNTI, 1982). A nova igreja ainda foi visitada por D. Pedro II no ano de 1860, em sua visita oficial pela província, sendo representada pelo Imperador em seu desenho da Vila de Linhares (figura 03), no qual se pode ver os traços originais da igreja reconstruída (ROCHA, 2008).

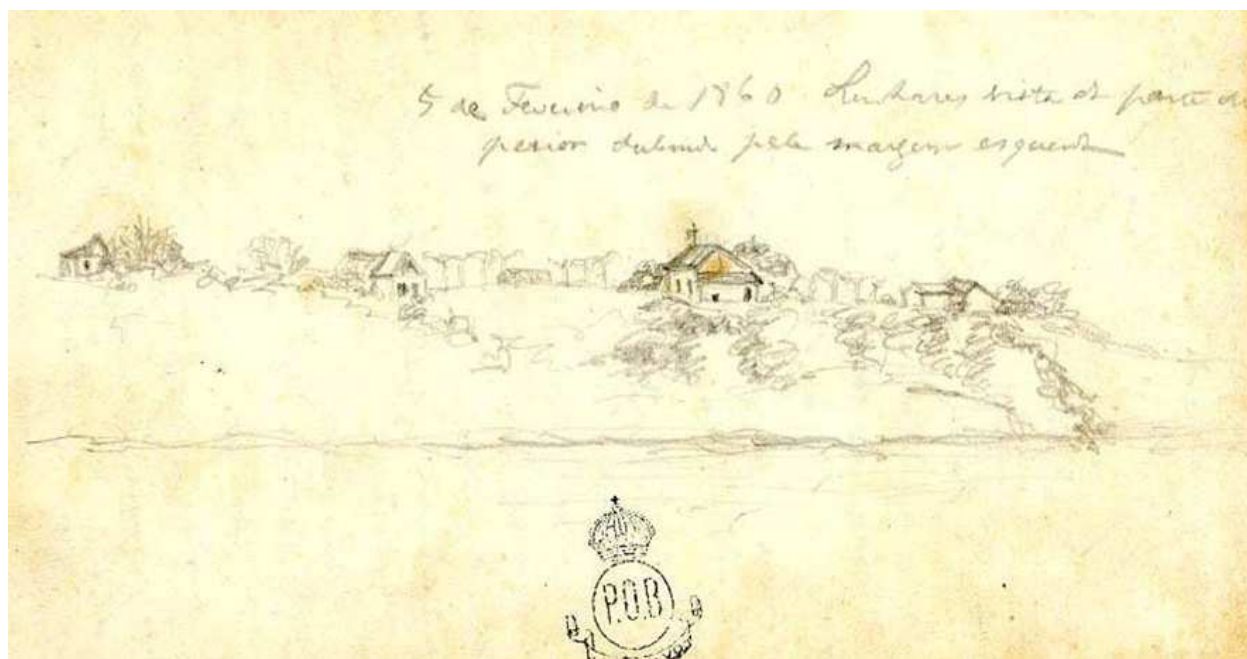


Figura 3 - Vila de Linhares desenhada por D. Pedro II. Fonte: Arquivo Público do Espírito Santo.

Além de seu desenho da Vila, ele relata como era a igreja, depois de ter participado de uma missa no dia 05 de fevereiro de 1860, e como a mesma não era servida de vigário:

A igreja é pequena mas coberta de telha; ouvi missa a que ajudou o Carlos José Nogueira da Gama que cantou sofrivelmente o Tantum ergo ao Ainda em Linhares – Um passeio rio acima – Índios – Regresso a Vitória — 200 — levantar da hóstia. Custou a aparecer o vinho e o vigário encomendado frade carmelita parece que tão estúpido como bugre não tem saído de casa por doente ou receio de não saber o que faz, e foi frei Búbio que disse a missa. (ROCHA, 2008, P. 199-200).

O Imperador ainda contribuiu com trezentos mil réis para as melhorias da igreja, sendo que esse dinheiro foi destinado para a pia batismal, para o conserto de um dos sinos e também para pintura do altar, e quinhentos mil réis foram doados também para o local que servia como cemitério da Vila (ROCHA, 2008). O dinheiro que o imperador

dou para o cemitério foi de grande aproveitamento, pois, os mortos da época eram enterrados em um terreno de frente a igreja que Rafael havia iniciado, e com esse dinheiro o cemitério pode ser cercado e implantado em um local mais afastado, que era um barranco próximo ao Rio Doce, onde atualmente se encontra no mesmo lugar (ZUNTI, 1982).

Um século depois, no ano 1975, Calmon Junior descreve como era a igreja quando ele era criança:

Em estilo colonial, via-se, na grande nave, ao fundo, o elevado altar da Santa Padroeira N.S da Conceição e, a cada lado da ara, os altares de São Sebastião e N.S. Auxiliadora. Ao lado da nave principal, erguia-se uma bela torre encima por dois sinos que bimbalhava alegremente nas festividades religiosas e dobravam finados quando morriam algum habitante da Vila. Atrás da torre, alongava-se uma ampla sacristia onde eram guardados os parâmetros, os livros da paróquia os padres em certas ocasiões (CALMON JUNIOR, 1975, p. 152).

A igreja começou a passar por dificuldades depois de 1860, quando o Frei João, por motivos de saúde não podia mais celebrar as missas, então a igreja ficou sem pároco fixo por muitos anos e sem manutenção começou a desabar. Foi apenas em 1888, que o presidente da Província ordenou que a Matriz fosse concluída em pedra e cal. Essa serviu por muitos anos, mesmo sofrendo muitas modificações com o decorrer do tempo (ZUNTI, 1982).

Calmon Junior (1975) afirma que a torre da igreja, provavelmente a reconstruída em 1888, ruiu no ano de 1930, desabando aos poucos, seguida da sacristia restando apenas à nave principal, que sofreu vários reparos e modificações de seu estilo original: o teto em abóboda foi substituída juntamente com o altar-mor, as escadarias de acesso laterais foram retiradas e a fachada totalmente modificada (figura 4).



Figura 4 – Imagem da atual Igreja de N. S. da Conceição, conhecida também como Igreja Velha.

De acordo Calmon Junior (1975), em 1951, o prefeito de Linhares o Sr. Joaquim Calmon, dou a igreja depois das reclamações do Padre Aníbal Vieira, duas áreas particulares, sendo uma para a instalação do colégio das Irmãs Pavonianas, e a outra área foi utilizada para a implantação da nova Matriz do município no ano de 1960.

A construção da nova Matriz foi necessária por que a igreja velha já não comportava mais os fiéis, pois a população estava crescendo muito rápido (CALMON JUNIOR, 1975). O projeto da nova matriz foi realizado pelo arquiteto Paulo Motta, irmão de D. João Batista de Albuquerque, que era o arcebispo da arquidiocese do Espírito Santo.

A Igreja Velha atualmente é usada para algumas celebrações quando essa conta com a presença de poucos fiéis, mais o templo para celebração das missas, casamentos e batizados, se encontra na Avenida João Felipe Calmon, no Centro da cidade de Linhares, conhecida como Igreja Matriz (figura 05), sendo a maior do estado do Espírito Santo.



Figura 04: Atual Igreja Matriz de Linhares. Fonte: <http://diocesedecolatina.org.br/paroquias/nossa-senhora-da-conceicao/>

5 – CONCLUSÃO

A Igreja desde a sua origem esteve atrelada à expansão territorial, sempre em busca da evangelização, iniciando sua história em Roma, em seguida espalhando-se por toda Europa, Américas, chegando ao Brasil, em seu período colonial, junto com os primeiros habitantes.

A igreja católica em sua busca de propagação do cristianismo teve grande influência na cultura e principalmente nas organizações urbanísticas das cidades coloniais. A cidade de Linhares, assim como tantas outras vilas de origem portuguesa no Brasil, possui clara influências do urbanismo lusitano, de sua época do governo de Marquês de Pombal e suas vilas de traçado ortogonal e racional, onde seus prédios singulares, como p. ex. a Casa de Câmara e Cadeia e a Igreja Matriz, marcavam junto com a praça de desenho retangular, a geometrização de um espaço idealizado.

Linhares, em sua origem colonial marcou um momento específico dessa urbanística, em seus últimos momentos e sua igreja, mesmo sendo reconstruída e alterada mais de uma vez, é um dos símbolos desse importante período histórico brasileiro. Esse artigo, portanto, reserva-se ao estudo, pesquisa e conhecimento da história de um dos prédios singulares da cidade de Linhares, que desde suas origens coloniais marca sua paisagem urbana, bem como as transformações urbanas por que passou a vila-cidade. Cabe no andar da pesquisa, em desenvolvimento, a correlação desse prédio singular e o complexo urbano a sua volta (a praça hoje conhecida como 22 de Agosto – data de fundação da cidade - e o antigo prédio da Casa de Câmara e Cadeia – atual sede da seção local do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo – SERLIHGES) com a própria história do crescimento urbano da cidade desde os finais do séc. XIX até os dias atuais

6 – REFERENCIAS

1. CALMON JUNIOR, Lâstenio. Vultos, fatos e Lendas Linharenses. Belo Horizonte: L. Marciel, 1975.
2. CAMPELLO, Cecília Barthel C. Casas de Câmara e Cadeia: Trajetória de Roma Antiga até Brasil Colônia. O Ideário Patrimonial de 2014. Edição Pré história. Volume nº 03. Portugal: Instituto Politecnico de Tomar, 2014.
3. DIOCESE DE COLATINA. Bancos de Dados da Diocese de Colatina-ES. Disponível em: <http://diocesedecolatina.org.br/paroquias/nossa-senhora-da-conceicao/>. Acessado em 15 set 2016.
4. GRANDES NARRATIVAS DA ARQUITETURA E DO URBANISMO. Disponível em: <http://fabianovdias.wixsite.com/gnau>. Acessado em 18 out 2016.
5. FERREIRA, Flávio. Cidades coloniais brasileiras e Espanholas na América: Uma abordagem Comparativa. IV Seminário de História da Cidade e de Urbanismo, 1996.
6. KEELER, Helen; GRIMBLY, Susan. 101 coisas que todos deveriam saber sobre o Catolicismo. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.
7. LIMA, Maurilio Cesar de. Breve História da Igreja no Brasil. Rio de Janeiro: Restaur, 2001.
8. REIS FILHO, Nestor Goulart. Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Fapesp [2000]. 1 CD-ROM.
9. ROCHA, Levy. Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo. Revista Continente / Inl-mec, 1980.
10. ROSADA, Mateus. O plano sem traçado: a Igreja na lógica urbanística portuguesa de criação das vilas Coloniais. Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília, DF: Universidade Brasília, 2014.
11. SAINT HILAIRE, Auguste de. A Segunda Viagem ao Interior do Brasil. São Paulo: Biblioteca pedagogia brasileira, serie 05, Companhia editorial Nacional., 1936.

12. TEIXEIRA, Manuel C. A forma da cidade de origem portuguesa. São Paulo: Editora Unesp : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.
13. VASCONCELLOS, Fábio Azevedo. Presença da Igreja no Brasil Colônia: Do descobrimento as Minas de Ouro. IV Seminário Ibero-Americano. Belo Horizonte: Centro de Formação Tecnológica de Minas Gerais, 2015.
14. ZUNTI, Maria Lucia Grossi. Panorama histórico de Linhares. Linhares: Prefeitura Municipal de Linhares, 1982.